



MODERNIDADE: DESAFIO DOS NOVOS TEMPOS

Antônio Tomé Loures

O modo de vida atual, com sua estrutura predominantemente urbana, meios de transporte de alta velocidade, sistema de comunicações com imagens instantâneas transmitidas de várias partes do planeta, produtos mundiais acessíveis a populações de diferentes culturas, tende a criar uma sociedade universal. Livre para escolhas pessoais, mas contido nos macrolimites definidos pelo poder do capitalismo sem fronteiras, o homem encontra-se em meio às contradições desse mesmo sistema, que constrói, desfaz e reedifica num contínuo reciclar de bens, valores, prazeres e angústias.

Esta a nova era, em que o fundamentalismo religioso alienante conquista novos adeptos ao lado do

surgimento de crenças exóticas de variadas naturezas; em que equipamentos e técnicas agrícolas ensejam elevada produção de gêneros alimentícios e, no entanto, milhões de pessoas padecem fome em várias partes do globo; em que medicamentos são produzidos em laboratórios de alta tecnologia ao mesmo tempo em que milhares morrem por falta de assistência médica básica; em que o ritmo alucinante da exploração dos recursos naturais para produção de mercadorias pela ânsia do lucro tende a causar danos irreversíveis ao meio ambiente, comprometendo em longo prazo a vida no planeta. Esses são alguns exemplos, ao acaso, que nos levam a indagar: afinal, o que é Modernidade?

Compreender as contradições do mundo moderno e realizar as potencialidades humanas são os desafios de hoje.

Este é o desafio atual: como entender e conviver com as contradições? Como realizar as potencialidades humanas? Como encarar o futuro nessa passagem rica de imprevistos, realizações artísticas, tecnológicas, numa sociedade ordenada por um sistema global desumano, impessoal, excludente?

Talvez não encontremos as respostas, mas vamos percorrer a história recente, tendo em vista os aspectos sociais mais relevantes, de modo a visualizar algumas indicações que possam emergir desse mesmo processo contraditório em permanente mutação.

A evolução científica e tecnológica, a partir da invenção do tear mecânico e da máquina a vapor, deu impulso a esta fase histórica, com o advento da produção industrial em grande escala, da modificação das relações de trabalho, alterando esquemas e estruturas de comercialização, provocando mudanças de comportamento, rompendo tradições e ampliando sobremodo o universo vivencial do homem. Esse salto para o universal é a aventura para além

do imaginário influenciado pelo tradicional e a inserção em um universo mutante em permanente ebulição, rico de imagens inesperadas e, ao mesmo tempo, inquietante, pelo rompimento da estabilidade dos pés em terra firme.

Saltam aos olhos os conflitos, provocados por potências internacionais, que organizam expedições militares para assegurar a posse de matérias-primas estratégicas, como o petróleo do Oriente Médio. Na verdade, modernos piratas que trocaram as espadas e abordagens de veleiros em alto mar por aviões supersônicos, mísseis teleguiados e o mapeamento computadorizado dos alvos. Por outro lado, o avanço das telecomunicações propiciou o surgimento de um bando de traficantes internacionais de moeda (especialistas em operações financeiras), que realizam lucros via especulação num mercado financeiro global, extremamente volátil e de difícil controle, e que, ao mesmo tempo, podem levar à falência instituições historicamente sólidas, com prejuízos para os correntistas e contribuintes, geralmente cidadãos trabalhadores.

O domínio da ciência e tecnologia pela humanidade e a submissão dessa mesma humanidade ao império da tecnologia é uma ambiguidade, que alcança novas

dimensões na era moderna, em que o fluxo e a velocidade das transformações provocam o turbilhão, e reduz o homem a mero fragmento girando em torno de luzes cada vez mais brilhantes, tornando-o cada vez mais cego. Todavia, essa mesma contradição é inerente ao sistema universal. O caos, o turbilhão, é, ao mesmo tempo, o cosmo, a harmonia em processo, a permanente mudança... "Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma." Essa realidade emerge, por assim dizer, de uma ordem em transição, em múltiplas formas. Pluriformalmente percebida, mas não totalmente assimilada, daí a dificuldade de afirmar-se o que é real na totalidade e o que é virtual na realidade.

O caos é, ao mesmo tempo, o cosmo, a harmonia em processo, a permanente mudança.

O homem espelha o que gravita ao seu redor. Devolve ao ambiente social com mais ou menos brilho o que consegue assimilar e, assim, quanto maior a capacidade de assimilação, apropriação e reflexão, maior o sofrimento, maior a emoção, maior o êxtase junto a esse mesmo turbilhão.

Do mesmo modo, no ambiente social, o fermentar de aspirações

coletivas e o choque de grupos étnicos, religiosos, econômicos, etc. vão acumulando tensões ao longo do processo histórico até a erupção do conflito, à semelhança do clímax de um vulcão a jorrar lavas incandescentes, fenômeno a um tempo belo e destruidor. Esse paradoxo do belo e trágico tem presença marcante na sociedade moderna.

Mas, como dissemos anteriormente, o cosmo é o caos em processo, a organização mutante, a ordem em transição, o contínuo transformar. Assim, a hierarquia social, estrutura da sociedade moderna, está fora de sintonia com o universo, o cosmo. O cosmo movimenta-se orbitalmente, não há superiores e inferiores, exploradores e explorados, mas sim um equilíbrio de atributos e funções fluindo de modo espontâneo, gravitacional, intrínseco à sua realidade natural e razão de existir. Significa dizer, o processo de realização do sistema produtivo pela mudança permanente. "Tudo se transforma" é coerente com a própria natureza. O que está em desacordo é estrutura social hierarquizada que materializa e garante a manutenção de privilégios.

A estrutura capitalista materializa e garante a acumulação da riqueza e a manutenção de privilégios.

O conflito de interesses é imanente à sociedade capitalista global pela ordenação estruturada de cima para baixo, corrompida pela ânsia dos poucos dominadores em acumular riqueza, sempre mais, cada vez mais, às custas dos milhões de famintos. Considerando-se que a renda não é infinita, ou seja, a renda é limitada e equivalente à produção total em nível macroeconômico, infere-se que, para que poucos tenham muito é necessário que muitos não tenham nada.

Conseguirá a humanidade libertar-se dessa ordem massacrante? Chegaremos algum dia à sociedade participativa, solidária, humanista?

A era moderna pressupõe a convivência com o belo e o trágico, a harmonia e a desordem, em processo permanente de superação.

A era moderna pressupõe a convivência com o belo e o trágico, o caos e o cosmo, o mito e o logos, em processo de superação permanente na eterna caminhada para o futuro ignorado. E, nesse contínuo vir a ser, o fragmento adormecido hoje se converte em partícula irradiante amanhã, para acender e revigorar as esperanças dos que acreditam na possibilidade de um mundo mais equânime e de uma humanidade mais digna. Sementes novas germi-

narão outros sonhos, e, assim como a mutação, a transformação e a reinvenção fazem parte da essência da vida, a rosa, para alguns aquela flor esquecida, se fará presente em diferentes trilhas rumo à utopia. Caminhemos, pois.

**Antonio Tomé Loures é
economista, consultor e professor
da Face-Fumec**
